

# Comércio e combate ao terror são temas centrais do debate

*Presidente americano vai aproveitar encontros com chefes de Estado para discutir reunião da OMC*

PAULO SOTERO

Correspondente

**W**ASHINGTON – Embora o combate ao terrorismo seja a preocupação central dos encontros com líderes mundiais que iniciou esta semana, o presidente americano, George W. Bush, pretende usar as conversas para garantir o êxito da 4.ª Reunião Ministerial da OMC, que começará amanhã, no emirado árabe de Catar, com a promessa de lançar nova rodada global de negociações para reduzir barreiras ao comércio de produtos industriais e agrícolas, de serviços e aos investimentos.

Um alto funcionário da administração disse ontem que o tema está na agenda do encontro que Bush terá com o presidente Fernando Henrique Cardoso amanhã. “O lançamento de nova rodada é algo que Bush discutirá com todos os líderes”, afirmou. “A razão é simples: precisamos que a economia global volte a crescer e o comércio é o motor do crescimento. O crescimento é importante para criar empregos e oferecer perspectivas de vida melhor.”

Os dois temas – combate ao terrorismo e promoção do comércio – estão relacionados, segundo o funcionário. “Células terroristas enraizaram-se em vários países que enfrentam uma variedade de problemas institucionais e precisam ser tratados”, disse. “É mais fácil fazer isso no contexto de uma eco-

nomia mundial que está crescendo e criando empregos.”

O ex-embaixador americano em Brasília Anthony Harrington disse ao *Estado* que, com base no que ouviu de funcionários dos dois países, “Bush deverá reiterar seu reconhecimento pela liderança do presidente Cardoso e do Brasil na resposta contra o terrorismo”.

Segundo Harrington, a perplexidade e a consternação causadas pela declaração de Fernando Henrique no discurso em Paris, no qual equiparou “a covardia do terrorismo” e “a imposição de políticas unilaterais em escala global” pelos Estados Unidos a atos de “barbárie”, já foi tratada por declaração do encarregado da embaixada americana em Brasília, Cristóbal Orozco, e não deve afetar o diálogo.

O ex-embaixador previu que os dois presidentes “sublinharão a importância do lançamento de uma nova rodada de negociações comerciais”. Para Harrington, o diálogo entre os líderes deixará patente, também, o reconhecimento da posição que o Brasil desempenhará “nas negociações de compromissos necessários para garantir o sucesso da reunião da OMC”.

**Patentes** – A repetição em Catar do fiasco da última reunião da OMC, em Seattle, em 1999, “seria um sério recuo”, disse o alto funcionário da Casa Branca. “Estamos otimistas que as nações pensarão que é de seu interesse iniciar a rodada.”

Do ponto de vista dos EUA, o tópico mais urgente da pauta da OMC a ser tratado com o Brasil é a questão das patentes farmacêuticas. Alguns meses atrás, um acordo entre os dois países resultou na retirada de uma ação americana que contestava a legalidade de cláusula sobre licença compulsória da legislação brasileira de patentes. A recente iniciativa americana de pressionar a Bayer a aumentar a produção e baixar o preço do antibiótico Cipro, para responder aos casos de antraz, foi interpretada pelo governo brasileiro como um reforço de seu argumento sobre a legitimidade de sua reivindicação por ampliação da exceção às regras sobre proteção de patentes. O objetivo é dar mais flexibilidade a países em desenvolvimento para lidar com emergências.

A Índia tem a mesma posição, mas os Estados Unidos e outras nações ricas a rechaçam. Ciente da decisão do ministro da Saúde, José Serra, de ir ao Catar defender a posição brasileira, um alto funcionário america-

**P**AUTA  
- DEVE INCLUIR  
QUESTÃO  
DAS PATENTES

no disse nesta semana que isso poderia levar a um desacordo e provocar o fracasso da reunião.

Do ponto de vista do Brasil, um tema de interesse para a conversa é a falta de disposição de Washington para pôr em discussão na OMC suas leis de defesa comercial, como antidumping, que se tornaram fortes instrumentos protecionistas. Apesar das declarações de Fernando Henrique em Paris, é pouco provável que o assunto ocupe muito tempo do encontro. Ainda na área econômica, o presidente não surpreenderá Bush se pedir-lhe que mostre maior disposição de ajuda à Argentina.